

## Por uma confabulação amorosa do mundo

For a loving confabulation of the world

Jocy Meneses dos Santos Junior<sup>1</sup>

Elidayana Alexandrino<sup>2</sup>

### Resumo

O que se desdobra nas páginas a seguir é uma conversação em torno das relações de palavras e imagens com construções de significados (tanto negativos quanto positivos) acerca do que é uma pessoa negra. Diante da urgência em pensar sobre raça em uma sociedade marcadamente racista e genocida, desenvolvemos um exercício de escrita e imaginação, entre os meses de maio e julho de 2023, sobre estes temas e seus atravessamentos na arte e na cultura visual. Fizemos um movimento inicial no sentido de compreender o contexto que está posto, para nos situarmos e nos protegermos diante de ameaças e armadilhas. Entretanto, conforme o exercício se adensa, passamos a uma confabulação amorosa do mundo. Não de outro mundo, mas deste mundo, no qual vivemos e que também é nosso, apesar de muitas vezes nos ser negado. É este mundo que reivindicamos. Nossa escrita, que começa fragmentada e, por vezes, em primeira pessoa, toma o rumo da criação de um lugar comum, de encontro, troca e cura – em um movimento nada ensaiado, do qual pudemos nos dar conta apenas quando havíamos encerrado o exercício que nos propusemos a desenvolver. Com este texto, pretendemos contribuir para os processos de reconhecimento e de superação da colonização do ver, do dizer, do pensar, do sentir e do ser, nos situando, como pessoas negras, assertivamente além dos padrões (fracassados) que tentam nos definir, nos nomear e nos estereotipar.

**Palavras-chave:** palavra; imagem; raça; amor

### Abstract

What unfolds in the following pages is a conversation around the relationships of words and images with constructions of meanings (both negative and positive) about what a black person is. Faced with the urgency of thinking about race in a markedly racist and genocidal society, we developed an exercise of writing and imagination, between the months of May and July 2023, on these themes and their crossings in art and visual culture. We made an initial move towards understanding the context that is set, to situate and protect ourselves from threats and traps. However, as the exercise deepens, we move on to a loving confabulation of the world. Not of another world, but of this world, in which we live, and which is also ours, even though it is often denied to us. This is the world to which we lay claim. Our writing, which begins fragmented and sometimes in the first person, takes the direction of creating a common place, of encounter, exchange, and healing - in an unrehearsed movement, of which we could realize only when we had finished the exercise that we set out to develop. With this text, we intend to contribute to the processes of recognition and overcoming the colonization of seeing, saying, thinking, feeling and being, assertively placing ourselves, as black people, beyond the (failed) standards that try to define, name, and stereotype us.

**Keywords:** word; image; race; love.

1

Jocy Meneses dos Santos Junior (Maranhão, 1993-) concluiu o mestrado e cursa atualmente o doutorado no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás (PPGACV/UFG). É bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

2

Elidayana Alexandrino (Paraíba, 1986-) é artista visual, educadora e pesquisadora. Graduada em Artes Plásticas, licenciada em Educação Artística, atua há mais de uma década em museus e centros culturais, desenvolvendo visitas educativas, cursos, oficinas e projetos curatoriais. Desenvolve trabalhos em que relaciona imagem, memória e cotidiano, entre eles a pesquisa artística e educativa Narrativas que se encontram.



*“Eu sou assim, você que não me conhece”.*

Ruth de Souza

Esta escrita parte de encontros. Nós tivemos reuniões no Google Meet, partilhamos a redação do texto a quatro mãos através do Google Documentos, trocamos inúmeras ideias, referências e inquietações via WhatsApp e Instagram, e até usamos os serviços dos Correios para dividir materiais educativos e artísticos. O texto é produto de uma conversa, com as discontinuidades inerentes a esse modo de pensar junto a alguém. Quem nos lê não encontrará nas páginas adiante um texto fechado ou que obedeça a determinados rigores acadêmicos. Este não era nosso objetivo.

Adicionamos este trecho inicial, que não existia na primeira versão de nosso manuscrito, em resposta a alguns comentários feitos acerca destas palavras antes de sua publicação, que perceberam nesta escolha uma “fragilidade”. Sentimos, face a isso, um convite a defender as opções que fizemos, bem como uma oportunidade de indicar caminhos para a reflexão sobre os pensares e fazeres acadêmicos de maneira mais ampla.

Destarte, o propósito deste escrito não é apresentar um compilado de dados estatísticos ou de referências que sirvam de prova da existência do racismo no Brasil. Nós optamos por abordar os racismos que habitam os cotidianos e que marcam nossos corpos e mentes, em uma escrita que não se pretende universal ou generalista, mas que é situada e que relata a realidade que nós, enquanto pessoas negras, vivemos, com seus desafios e as possibilidades que vislumbramos de transformação. Encontramos amparo nas palavras de Dijaci Oliveira, Ricardo Lima e Sales Santos:

Não se trata de discutir se existe ou não discriminação racial no Brasil. Esse dado já foi amplamente constatado. Faz-se necessário, portanto, passarmos para uma outra esfera de preocupação: dar visibilidade ao fenômeno e buscar romper as barreiras que impedem os passos iniciais para a constituição de uma sociedade que não discrimine. (Oliveira; Lima; Santos, 1998, p. 37)

Neste sentido, onde certas pessoas leitoras de nosso texto enxergaram “vazio” ou “superficialidade” teóricos e empíricos, nós vemos potência.



Potência em perceber, a partir de nossas experiências e do cotidiano, oportunidades para problematizar o contexto que está posto e para propor uma confabulação amorosa, e, portanto, ética, do mundo. Amor como ação radical, que implica não compactuar com a barbárie, erguendo nossa voz contra todas as injustiças que impedem o acesso à plenitude da vida.

Falar do mundo desde onde o enxergamos foi a estratégia que concebemos para somar nossas vozes a uma luta que acreditamos necessária. Outras seriam possíveis, mas este caminho adotado nos parece tão válido quanto qualquer outro. Resistir ao adestramento de pensamento é, também, uma forma de não nos deixar colonizar. Nós podemos falar a língua que é falada na Academia quando nos convém, mas também podemos ensaiar outras escritas. Isto não constitui, a nosso ver, nenhum demérito. Aproveitamos para evocar um dos tantos ensinamentos que nos legou bell hooks:

A falta de respostas críticas humanizadas tem tremendo impacto no escritor de qualquer grupo oprimido, colonizado, que se esforça para falar. Para nós, a fala verdadeira não é somente uma expressão de poder criativo; é um ato de resistência, um gesto político que desafia práticas de dominação que nos conservam anônimos e mudos. Sendo assim, é um ato de coragem – e, como tal, representa uma ameaça. Para aqueles que exercem o poder opressivo, aquilo que é ameaçador deve ser necessariamente apagado, aniquilado e silenciado. (hooks, 2019, p. 36-37)

Optamos por incluir essa nota de abertura, também, para agradecer o espaço que a Revista Nava nos concedeu para a circulação de nosso texto. Esperamos contribuir, com nossas formas de pensar e de escrever, para uma confabulação amorosa do mundo, desafio que percebemos cada vez mais urgente.

\*\*\*

Desde ontem, a mídia foi tomada por diálogos sobre racismo. Vinícius Júnior, jogador de futebol brasileiro, foi, mais uma vez, alvo de discriminação<sup>3</sup>. Muitas pessoas se somaram em torno do rechaço a essa situação. Confesso que ainda não vi os registros da agressão, porque toda

3

Sobre as palavras e imagens racistas  
que foram usadas neste ato, ver  
Oliveira (2023).



essa situação tem sido um grande gatilho para mim nesse momento. Por outro lado, vi muitas postagens em solidariedade. Queria chamar atenção para um ponto específico, que não me parece marginal à reflexão tanto sobre o ato racista quanto sobre os protestos antirracistas. Este ponto se situa nos usos que são feitos de palavras e imagens, para causar dor, para protestar contra as causas dessa dor, para amparar quem sente essa dor.

Diante de cenas em que a dor, a humilhação e o absurdo são naturalizados, é perceptível a permanência de imagens e palavras que evidenciam que o projeto de colonização de corpos e mentes não acabou. Ele é atualizado a todo momento. Há um padrão visual, assim como os dos azulejos portugueses. Uma estética específica que, ainda que muitos tentem negar, não tem como não ser vista.

Palavras e  
imagens são  
perigosas,  
quando há má  
intenção são  
destrutivas...

*Sem título* (2022), Elidayana Alexandrino

\*\*\*

Se passaram dois dias. Hoje, circulam notícias sobre um jogo chamado “Simulador de Escravidão”, disponibilizado online através da plataforma Google Play. Vi no Instagram uma captura de tela<sup>4</sup> que mostra imagens do jogo e a resenha de um usuário, na qual se lê: “Ótimo jogo para passar o tempo. Mas acho que faltava mais opções de tortura. Poderiam estalar [sic] a opção de açoitar o escravo também”. Nossa tortura, vivida em tempos ancestrais e atualizada por imagens e palavras como estas, é um passatempo para algumas pessoas. O sofrimento imposto historicamente às pessoas negras nunca será o suficiente. Sempre haverá quem irá querer mais. Na economia visual e simbólica da qual fazemos parte, nossos corpos ainda são, reiteradas vezes, vistos e tratados como objetos. Nossa carne segue tendo um preço. E, como cantava Elza Soares (2002), “a carne mais barata do mercado é a carne negra”.

A tela plana do celular passou a ser o novo “pelourinho”, um lugar de tortura pública, onde imagens e palavras são instrumentalizadas pelo discurso de ódio. Essa constante atualização do sofrimento é usada pela branquitude para tentar fazer permanecer, e nunca cessar, a desumanização das pessoas negras. A violência simbólica é incorporada à vida como parte da cultura. Imagens e dizeres racistas são disseminados no ciberespaço, que reflete como o genocídio de povo negro estrutura as relações sociais.

\*\*\*

Venho tendo muitas conversas sobre práticas de nomeação. Usar certas palavras para nomear aquilo que fazem conosco, como “terrorismo”, parece fazer com que o que é dito seja mais violento que aquilo que é vivido e reportado. Nossos corpos foram e ainda são vítimas de práticas terroristas, que ensinam que as marcas visuais da “diferença” (entre aspas, porque gostaríamos inclusive de questionar a legitimidade da norma que nos impõe que somos “diferentes”) são indícios de perigo. Nos colocam no lugar de possíveis terroristas a todo momento. É precisamente por isso que acredito que precisamos nos apropriar dessa palavra (e de outras como ela) para nomear o imaginário construído sobre nós, que é, sim, terrorista, e que autoriza e incentiva atos terroristas. Compreendendo o terrorismo como

4

A postagem no Instagram com a denúncia acerca do jogo, feita pelo usuário @vini.allmeida, pode ser conferida em: <https://www.instagram.com/p/CsoVPLsLKdc>.



uso da violência que visa incutir o medo na população, muitas das palavras e imagens que circulam sobre determinados corpos servem precisamente a esse propósito, ao construir, disseminar, consolidar e perpetuar estereótipos negativos sobre nós. Colocar pessoas negras, reiteradas vezes e em diversas instâncias, como se tivessem mau caráter, mau temperamento, más intenções, e as adjetivar como selvagens, animais, descontroladas, violentas, bandidas, ameaçadoras e perigosas constrói ideias que, quando incutidas, fazem temer (e não parece descabido associar este temor ao ódio e à violência). Não seria, isso, terrorismo? Reclamar esta palavra pode ser, então, uma forma de rejeitar o papel de algozes que construíram para nós. Nós não somos terroristas. Nós não somos nada definitivamente, de forma cabal. Nem maus, nem bons.

O que você vê quando vê uma pessoa negra? Porque não há nenhuma característica comportamental a ser identificada em nossas peles, em nossos rostos, em nossos cabelos. Nós somos plurais, e não cabemos nos lugares apertados que construíram para que ocupássemos<sup>5</sup>. Não queremos e não vamos seguir as falas do roteiro que nos foi entregue.

Franz Fanon (2008, p. 90) é enfático quando afirma: “A inferiorização é o correlato nativo da superiorização europeia. Precisamos ter a coragem de dizer: é o racista que cria o inferiorizado”. Dentro dessa lógica colonizadora, o racismo é uma linguagem que comanda quem deve viver e quem deve morrer. Portanto, são os racistas que são os terroristas, porque são eles que criam, sustentam e defendem esse sistema de inferiorização e destituição da humanidade de pessoas negras, que nos mata física e simbolicamente.

A linguagem contemporânea de tortura se vale, de forma constantemente atualizada, de uma replicação de discursos que queimam retinas e justificam os tiros à queima roupa que, dia após dia, nos dizem. Esse diálogo pode parecer repetitivo, mas é preciso ser repetitivo. Para se aprender uma linguagem, é preciso repetir. O que o racismo faz é precisamente repetir, criar “replicantes”, como bem pontua Sueli Carneiro no início de sua tese de doutorado, na qual chama o “Eu hegemônico” para um diálogo e lhe diz:

Para que possamos nos libertar um do outro, te asseguro que terás que fazer concessões, e a principal delas será

5

Sobre este tema, se faz importante apontar para uma fala proferida por Erika Hilton no Podcast “Reconversa”. <https://youtu.be/aT57A2FWIKc?t=3540>.



de abdicar de teu prazer em fabricar replicantes, ou seja, desistir de me reproduzir infinitamente. Isso te obriga a pecar diante de Deus e dos homens também infinitamente praticando e ensinando a outros essa bruxaria. E eu é que sou feiticeira! Cansei de tuas profecias auto-realizadoras! (Carneiro, 2005, p. 22)

A grande questão é: Como derrubar imaginários? Reconhecemos a construção de um modelo de “ser humano” ideal e que nós, pessoas negras, não estamos incluídas nessas imagens. Então... como entrar para o clube seletivo da humanidade? Negando essas imagens consolidadas e confabulando um mundo onde nossa humanidade seja legitimada e não negociada. A imagem de humanidade que nos exclui precisa ser quebrada, para que uma nova possa ser construída<sup>6</sup>. A vida acontece no fluxo das relações, e é neste fluxo que conseguimos intervir para criar novas imagens e novas realidades.

\*\*\*

Passados mais alguns dias, mais um caso de racismo toma a mídia. Duas “influenciadoras” digitais filmaram e divulgaram um vídeo no qual entregam “presentes” para duas crianças negras: uma banana e um macaco de pelúcia<sup>7</sup>. Não restam dúvidas sobre o tipo de “influência” que pessoas como essas exercem para a banalização e para a manutenção do racismo.

Nas últimas semanas, desde que começamos este exercício de escrita, tomamos nota de casos de racismo que atravessaram nossos olhos, enquanto pensávamos sobre os papéis que as palavras e imagens desempenham neles e podem desempenhar no combate a eles. No espaço de poucas semanas, eles se avolumaram. São tantos que já não conseguimos registrar todos, nem mesmo mentalmente (e isso é uma forma de autopreservação, porque não nos cabe carregar o peso do mundo nas costas).

Começamos a pensar, conjuntamente, em como a feita das linhas que antecedem a estas, que serviram como uma espécie de diário de racismos cotidianos (que extrapolam os casos relatados, e foram e continuam sendo vividos por nossos corpos e corpos como os nossos, caminhando pelas ruas, adentrando espaços comerciais, frequentando a universidade,

6

Neste sentido, convergimos com a professora Rosane Borges (2023, p. 30), que nos ensina sobre a necessidade de bordar um novo manto para o mundo: “a nossa aspiração coletiva, na construção desse outro mundo por meio das artes, é que esse manto de fato recubra todos. Invariavelmente a todos. Quando denunciamos a nossa exclusão, na verdade propomos a possibilidade de construção de um manto que possa recobrir a todos, e que seja saudável, sem ácaros, sem buracos, sem mofo. Dizemos para os hegemônicos do mundo: o manto que vocês estão encobertos não presta, esse manto também prejudica vocês”.

7

Para mais informações sobre este caso, ver Rocha (2023).



e por onde mais passamos), gerou desgaste, cansaço e dor. Não podemos viver apenas em função das palavras e das imagens que nos aviltam, ainda que elas obviamente nos importem, porque elas também nos machucam.

Por isso, julgamos importante, a esta altura do texto, uma virada. A coleção de traumas e de feridas abertas que nos propusemos a ver e a comentar não nos define. Ainda que pretendam nos definir, através da prática de violências contra nós – inclusive aquelas que se disfarçam de atenção e cuidado ou de aceitação e tolerância<sup>8</sup> –, nós não permitiremos. Não vão nos convencer que somos menos, que merecemos menos, que valemos menos!

Como, então, lutar contra as imagens e palavras que buscam nos diminuir e encaixotar? Nesse ponto, nossas ideias convergem na insistência em pensar sobre a educação. E isto se dá, principalmente, por dois fatores. O primeiro deles é que entendemos que as rotas de ação a serem definidas sempre passam pelo coletivo, pelo imaginário partilhado. Já o segundo fator que nos leva a apostar nossas fichas na educação é que temos esperança. São essas as razões que nos impulsionam, sempre, a trabalhar junto de outras pessoas, seja na tentativa de reconhecer o que há de perverso nos discursos verbais e visuais circundantes, seja para mostrar (a partir dos trabalhos de pesquisa acadêmica e artística) que outras imagens e palavras são possíveis.

Essa revolta que nos impulsiona a lutar também pode ser chamada de amor. Não aquele amor idealizado e passivo, mas um amor que mobiliza corpos e mentes para a transformação do imaginário sobre a vida, sobre a humanidade.

Precisamos usar as imagens e as palavras para evocar a consciência, para construir caminhos de verdade e transformar a estrutura com lucidez, com ações práticas a partir de uma ética amorosa, só assim vamos conseguir criar novas relações, novos contatos...

*Sem título* (2022), Elidayana Alexandrino

8

Sobre esta questão, ver fragmento extraído do discurso da atriz Dominique Jackson, ao receber o Prêmio Nacional de Igualdade no 23º Jantar Nacional Anual do HRC (Human Rights Campaign). <https://youtu.be/Em6lMB2gU1E>.





Precisamos construir outras relações de contato, em que cada ser seja respeitado na sua integridade, porque a ficção das raças que vem, historicamente, orientando os modos de nos relacionarmos uns com os outros, nutre o desamor e o ódio. Nosso grande desafio como humanidade é amar no coletivo. Como bem ensina bell hooks (2020), é preciso compreender o amor na sua dimensão política. Amar radicalmente significa desejar que o outro viva plenamente.

Dentro de um contexto de opressão, existe uma alienação no que diz respeito ao que é ser humano e a quem é um ser humano, que implica a existência e a dominância de um corpo bélico, que comanda ilegitimamente o imaginário do mundo (o homem branco, cisgênero, heterossexual, cristão). Fazer ruir essa visão única é urgente. Mas como? Grada Kilomba chama nossa atenção quando fala sobre uma "desobediência poética", que envolve recorrer às palavras e imagens. Afinal, somos seres da linguagem, e é pela linguagem que acontece o reconhecimento da humanidade ou a total falta dele. Ao mexermos com a linguagem, estamos mudando a ordem vigente. Para descolonizar, é preciso romper com o sistema que codifica a barbárie como norma.

Normalizamos palavras e imagens que nos informam quem pode representar a condição humana e quem não pode. A linguagem também é transporte de violência, por isso precisamos criar novos formatos e narrativas. Essa desobediência poética é descolonizar. (Kilomba, 2019)

Para criar outros formatos e narrativas, precisamos primeiro dominar aquilo que está circulando há muito tempo entre nós. Mais especificamente, aquelas palavras e imagens produzidas e disseminadas desde a era das invasões, onde começa uma longa e triste história de colonização de corpos e de mentes, da qual a arte fez e ainda faz parte. A arte criada por europeus que promove e celebra o contexto colonial pode ser denominada uma *história criminosa da arte*, porque foi por meio da cristalização da visão eurocêntrica, deturpada, parcial, enviesada e violenta, que o racismo se tornou norma, uma tecnologia de morte.



Artistas negros na contemporaneidade estão criando, no universo da arte e da cultura visual – seja pela pintura, fotografia, escultura, performance, vídeo, dança, música –, rupturas significativas com as imagens negativas que foram criadas e impostas em contextos escravagistas e coloniais.

Em 2018, a dupla The Carters, composta por Beyoncé e Jay-Z, gravou o videoclipe da música *Apeshit* no Museu do Louvre, dialogando com as obras lá expostas. Em uma das cenas, o casal aparece em frente a uma escultura egípcia e, em outra, fazem um gesto muito semelhante a uma estatueta da Rainha Nefertiti e do Faraó Akhenaton. O clipe alcançou milhares de visualizações e, sobre ele, foram feitas centenas de comentários (textuais e visuais) – inclusive por curadores, pesquisadores e artistas –, refletindo sobre o seu impacto visual e cultural. Mas, afinal, o que chamou tanta atenção das pessoas?

Beyoncé e Jay-Z contaram, com suas vozes e corpos, outra narrativa, dentro de um espaço dedicado a resguardar e mostrar a chamada “História da Arte”, em letras garrafais. O clipe traz, por exemplo, uma reflexão sobre como os grandes museus usurparam objetos materiais de outras culturas e inseriram em seus acervos. Na atualidade, existe uma grande questão sobre a repatriação de obras de arte que foram saqueadas, sobretudo no continente africano, e inseridas nas coleções de inúmeros museus da Europa e dos Estados Unidos.

A escolha do que é mostrado no vídeo não é aleatória. Por exemplo, a ação de inserir bailarinas negras com diferentes tons de pele, pode ser interpretada como um contraponto à forma como a arte ocidental por séculos representou pessoas negras dentro de uma narrativa homogênea e desfavorável, ou simplesmente não as representou, negando a elas a visibilidade. Essas estratégias serviram, em muitos casos, para retirar nossa humanidade.

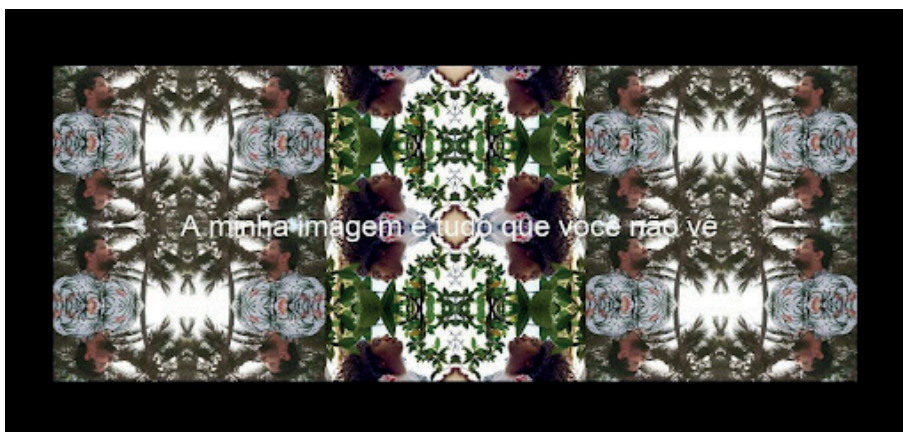
Diante disso, é preciso ter em mente que, antes da colonização e de toda a violência da escravização, pessoas negras já haviam aparecido em obras grandiosas. Como exemplo, podemos citar os faraós e rainhas do antigo Egito (Kemet), que, apesar de terem sido negros, vêm sendo interpretados por pessoas brancas, de uma forma mentirosa, que falseia a história. Essa é uma forma de apagamento, que contribui para forjar um



imaginário dentro do qual não somos, nunca fomos e nunca poderemos ser vencedoras.

Esse movimento de enfrentamento e afirmação identitária por parte das pessoas negras encontra vazão também no cinema brasileiro. É o caso do filme *Ôrí* (1989), dirigido pela cineasta e socióloga Raquel Gerber. O filme documenta os movimentos negros brasileiros. A comunidade negra aparece em sua relação com o tempo, o espaço e a ancestralidade. Beatriz Nascimento, historiadora e militante, conduz a narrativa com sua voz, chamando atenção para uma consciência negra, que pode ser desenvolvida por meio das imagens: “É preciso a imagem para recuperar a identidade. Tem-se que tornar-se visível, porque o rosto de um é o reflexo do outro, o corpo de um é o reflexo do outro e em cada um o reflexo de todos os corpos” (*Ôrí*, 1989).

Recuperar e inventar identidades negras é o que muitos artistas africanos e afrodescendentes vem fazendo, em um processo que, ainda que muitas vezes iniciado desde suas próprias imagens e histórias, afeta o coletivo. Para ativar e despertar uma consciência e uma ação contra as injustiças e desigualdades causadas pelo racismo, artistas negros afirmam quem são ao resgatarem memórias apagadas, ao narrarem histórias dolorosas, ao denunciarem violências físicas e simbólicas vistas e vividas e, ao mesmo tempo, ao imaginar futuros, a partir de uma estética de valorização e emancipação.



*A minha imagem é tudo que você não vê* (2023), Elidayana Alexandrino

É esse o contexto em que se inscreve a produção artística de Elidayana Alexandrino. Este exercício de escrita e imaginação, realizado a quatro mãos, culminou na produção da obra *A minha imagem é tudo que você não vê* (2023), na qual a artista faz uso de fotografias nossas e, diante delas, acrescenta a frase que intitula a obra. Esse endereçamento subverte as expectativas dos olhares colonizados e colonizadores, que acreditam que, ao nos verem, ao identificarem nossas características fenotípicas, nos conhecem. Cabe, aqui, lembrar a analogia feita no começo do texto, na qual falamos do padrão visual racista que, replicado como nos azulejos coloniais, a um só tempo mostra e constrói a “realidade”. Não nos submetemos a esse padrão e não permitimos que nos submetam a ele. Rejeitamos as leituras de nós feitas a partir dos estereótipos. Mas, também, não estagnamos no lugar de estar “contra” o padrão, porque isso significaria nos permitirmos definir, ainda que por oposição, pela norma<sup>9</sup>. Se estamos para além do que as pessoas (sobretudo as racistas) conseguem ver, não é nossa culpa, nem é problema nosso. Mesmo quando não nos virem, nós nos enxergaremos e saberemos quem somos. A nossa imagem nos pertence, afinal.

As imagens do futuro não podem continuar sendo atualizações das imagens de um passado perverso. “O futuro é ancestral”, como escrevem Katiúscia Ribeiro (2020) e Ailton Krenak (2022). Logo, ele não está no tempo cronológico e linear, mas sim no tempo vivo, que nós, pessoas comprometidas com a justiça social, estamos criando junto às nossas ancestralidades, para nós e para quem está por vir. Essa justiça será feita não pelo “olho por olho”, mas pelo brilho no olho.

## Referências

A CARNE. Intérprete: Elza Soares. Compositor: Marcelo Yuka, Seu Jorge e Ulisses Cappelletti. In: DO CÓCCIX até o pescoço. Intérprete: Elza Soares. Salvador: Maianga, 2002. 1 CD, faixa 6 (3 min 39 seg).

APESHIT. Direção: Ricky Saiz. Intérprete: The Carters. [S. l.: s. n.], 2018. (6 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kbMqWXnpXcA>. Acesso em: 16 jul. 2023.

9

Aqui, nos irmanamos à Xica em suas inquietações ao pensar “como posso escrever sem me colocar à margem, sem partir do lugar ‘contra o centro’, contra o que está vigente e homologado. Ainda me causa estranheza pensar que a vida cotidiana de tantas pessoas seja considerada contra visualidade, contracultura, e não uma cultura, uma visualidade de fato” (Santos, 2023, p. 23).



BORGES, Rosane. Bordando o manto do mundo: da destituição à restituição de humanidades subalternizadas. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM ARTE E CULTURA VISUAL, 5., 2022, Goiânia. *Anais* [...]. Goiânia: PPGACV/UFG, 2023. p. 22-36.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. 339f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

hooks, bell: *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.

KILOMBA, Grada. "O colonialismo é a política do medo. É criar corpos desviantes e dizer que nós temos que nos defender deles". *El País*, 19 ago. 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/19/cultura/1566230138\\_6343\\_55.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/19/cultura/1566230138_6343_55.html). Acesso em: 13 jul. 2023.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

OLIVEIRA, Dijaci; LIMA, Ricardo; SANTOS, Sales. A cor do medo: o medo da cor. In: OLIVEIRA, Dijaci et al. (org.). *A cor do medo*. Brasília: Editora da UNB, 1998. p. 37-60.

OLIVEIRA, Flávia. 'Boneco de Vini Jr. pendurado pelo pescoço ensejou novos episódios como esse', diz Flávia Oliveira. *G1*, 22 maio 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/05/22/boneco-de-vini-jr-pendurado-pelo-pescoco-ensejou-novos-episodios-como-esse-diz-flavia-oliveira.ghtml>. Acesso em: 22 maio 2023.

ÔRI. Direção: Raquel Gerber. Narração: Beatriz Nascimento. São Paulo: Raquel Gerber, 1989. (91 min.).

RIBEIRO, Katiúscia. O futuro é ancestral. *Le Monde Diplomatique Brasil*, 19 nov. 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-futuro-e-ancestral>. Acesso em: 16 jul. 2023.



ROCHA, Halitane. Influenciadoras são acusadas de racismo após oferecer banana e macaco de pelúcia para crianças negras. *Mundo Negro*, 30 maio 2023. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/influenciadoras-sao-acusadas-de-racismo-apos-oferecer-banana-e-macaco-de-pelucia-para-criancas-negras/>. Acesso em: 30 maio 2023.

SANTOS, Fabiana Francisca. *Arte de terreiro matriarcal*: trabalho de mulheres da Casa de Caridade Luz do Alvorecer. 2023. 231f. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.